



ACADEMIA JOINVILENSE

1969

Suplemento Literário

HEKADEMEIA

02

NOSSOS CONTISTAS

Vol. 1 -No. 2 – Joinville, dezembro de 2016

Hekademeia Vol. 1, No. 2

SUMÁRIO

Wilson Gelbcke	5
Hilton Görresen	15
David Gonçalves	23
Jura Arruda	31
George Postai de Souza	37
Milton Maciel	45
Carlos Aduino Vieira	51
Final de ano	60

***HEKADEMEIA** é forma original e mais antiga da palavra Akademia. Era um bairro distante pouco mais de um quilômetro da Acrópole de Atenas, dedicado ao herói grego Akademos (em latim *Academos*) e à deusa Palas Atena, uma planície onde havia jardins e bosques sagrados de oliveiras. Ali Platão possuía um terreno, no qual reunia seus discípulos para transmitir-lhes seus ensinamentos. Daí surgiu, por evolução, o conceito de Academia, como um lugar e uma congregação onde se reúne a nata da intelectualidade local.*

HEKADEMEIA é um Suplemento Literário mensal, publicado pela Academia Joinvilense de Letras, para possibilitar a comunicação de seus acadêmicos com os leitores em geral de todo o mundo lusófono. Soma-se, assim, aos livros-coletânea ENSAIO e à revista ENSAIO, seus parentes AJL mais volumosos e de maior circulação.

Este segundo número de Hekademeia destaca trabalhos de nossos acadêmicos que se destacam como contistas. O número um publicou textos dos nossos acadêmicos cronistas.

Nos números seguintes, teremos a vez dos nossos poetas, romancistas, historiadores, ensaístas, editores, juristas, instrutores, pioneiros e números de exclusiva produção feminina.

Nas páginas mensais de HEKADEMEIA poderão aparecer, em igualdade de condições, tanto textos dos nossos acadêmicos contemporâneos, como dos acadêmicos já falecidos e também de nossos patronos.

Uma das missões especiais deste Suplemento é justamente trazer de volta à vida e tornar outra vez disponíveis as produções literárias das dezenas de brilhantes intelectuais que nos precederam na história. Para exemplificar, um de nossos patronos teve mais de 100 livros publicados em vida.

Este encontro especial do presente com o passado reviverá como nunca o conceito de IMORTALIDADE de nossas acadêmicas e acadêmicos.



A Academia Joinvilense de Letras funciona, desde 2014, no belíssimo prédio histórico da Sociedade Harmonia Lyra, no centro da cidade – à Rua 15 de Novembro, 485.

Aí se desenrolam as reuniões, os Cafés Acadêmicos, as Assembleias e, em seu Salão Nobre, a extraordinária Sala Mozart, os importantíssimos eventos artístico-literários, os SARAUS da AJL.

WILSON GELBCKE



Wilson Gelbcke nasceu em São Paulo, em 1933, radicando-se em S. Catarina no ano seguinte. No campo da Comunicação, em Curitiba, criou departamentos de propaganda para as empresas Ancora (1953) e Madison (1956), voltando para Joinville em 1962, contratado pela Indústria de Refrigeração Consul (hoje Whirlpool), para gerenciar os departamentos de Propaganda e Comunicação Social.

Em 1992, foi para São Paulo como Assessor de Comunicação Corporativa de todo o Grupo Brasmotor. Fez cursos de Marketing e Planejamento de Produtos, inclusive nos Estados Unidos, pela Whirlpool. E aposentou-se em 1994, passando a se dedicar à literatura e artes plásticas.

O primeiro livro de W. Gelbcke foi "A Máscara de Capelle", em 1997. E não mais parou de escrever romances, livros juvenis, contos, poemas e biografias... num total de 17 obras.

- Romances: *A Máscara de Capelle, Vindita do Historiador, A Terceira Moeda, Ás de Ouros no Mundo da Comunicação.*
- Juvenis: *Esses Duendes Tão Míopes, Por um Rio Você Pode Fazer Milagres, Quatro Anjos e Quatro Destinos.*

Contos e Poemas: *Causos de Minha Cidade, Receita Para o Amor.*
Biográficos: *Primavera em Pleno Verão, Reflexões ao Longo de uma Vida, Sangue Suíço...Coração Brasileiro, Do Cantão para Joinville, Obras de F.Frick na Catedral da Sé, Fascinante Viagem pelo Mundo, 60 anos do CEAJ, Tudo por Joinville.*

É também membro da Associação das Letras, Confraria do Escritor e da AAPLAJ - Associação de Artistas Plásticos de Joinville.

NADA É PARA SEMPRE

Faz muito tempo, ora se faz. Aconteceu lá pelos idos dos anos primeiros de um século já findado, início da colonização...

Caso ainda não contado, desenrolado em campos de boa lavoura no norte catarinense. Solo fértil e abençoado no qual se plantando tudo dá.

Lavradores ali chegaram, pra mais de cinquenta. Caravana de gente simples e cheia de esperanças. Gente aflita por se apossar de terras chamadas devolutas. De fincar pé em glebas desconhecidas, duramente ajustadas de papel passado, com garantias de um futuro promissor.

Homens preocupados, mulheres cansadas e crianças chorosas... Pudera! Viagem angustiante em carroções lerdos, sem conforto, e noites mal dormidas... Dias que pareciam infundáveis até que... Finalmente, o milagre!

Rostos duros e amargurados se abriram em largos sorrisos ao verem a grande lagoa de águas cristalinas, enriquecendo o sopé de belo outeiro. Um cenário de sonho...

Linhas puras de belas árvores refletidas no mágico espelho d'água. Rédeas puxadas, carroções parados e corações batendo em pleno descompasso. Eles haviam chegado!

A luz do entardecer, qual pinceladas de mestre, dava o toque final. E ninguém precisou questionar... Lágrimas a escorrer pelos rostos emocionados diziam tudo. Ali eles iriam morar. Ali iriam plantar e colher.

Uma vez mais a Mãe-Natureza havia se excedido em dádivas, criando singular barragem em terreno elevado. E a boa água

represada era tudo o que aquela gente precisava para reiniciar, começar uma nova vida.

Na parte baixa, em volta da grande lagoa, casas rústicas feitas de troncos e barro, cobertas de sapé, foram logo surgindo e dando início ao povoado. Canais e valas rudimentares, abertas na barragem natural, passaram a levar água em abundância para cada moradia.

Outras escavações, ainda maiores, foram feitas para irrigar plantações que despontavam como gratificantes tapetes de muitas cores. Chuvas haveriam de alimentar a lagoa dadivosa... E eles teriam água para sempre.

Frederico, no entanto, não gostava daquilo. Ele vivia o tempo todo implicando, coçando a cabeça, afirmando que as escavações estavam erradas e que um dia a água podia acabar.

Na opinião da maioria, aquele sujeito era um chato. Cara de pouca fé, *pouxa vida!* Não seria agora, depois de tanto trabalho, que o bom Deus deixaria a lagoa secar.

Por sua vez, Alaor era o homem forte daquele povoado que não parava de crescer. Desde o início ele havia tomado rédeas em suas mãos.

E todo mundo passou a confiar no sábio orientador, uma espécie de prefeito. Se Alaor dizia sim... era sim. Se Alaor dizia não... era não. Todo mundo confiava nele, menos Frederico. E Alaor já estava perdendo a paciência.

- Você diz isso, Frederico, porque não usa o nosso sistema. Vive lá no morro, afastado da gente como se eremita fosse, mas não deixa de vir buscar água aqui em baixo.

– Só quando minhas reservas acabam – respondia Frederico. – Vocês deviam fazer o mesmo.

Alaor achou graça, mas sabia do que aquele sujeito solitário estava falando. Cada vez que chovia, era mais água que Frederico acumulava em dois velhos tonéis de madeira. Raras vezes ele precisava transportar água em cântaros no lombo de seu burrico ladeira acima.

Alaor sacudiu a cabeça e apontou para o alto.

– Está vendo aquela nuvenzinha lá em cima? Deus não se esquece da gente e vai continuar mandando água pra lagoa. Mais água pra você transportar no seu burrico. Vê se te acalma, homem de pouca fé!

Frederico, no entanto, não perdia a birra. Sempre que voltava da lavoura era a mesma coisa. Ficava olhando para novas casas sendo construídas no baixio ao lado da grande lagoa e não se conformava. E voltava chamar atenção para comportas mal fechadas e para o gasto excessivo de água.

– Vê se te enxerga, Frederico! A gente vem usando dessa água há tanto tempo e a lagoa é sempre a mesma. Essa água não vai acabar nunca!

– Nada é para sempre – respondia ele. – Nada é para sempre.

Os dias passando, igualmente os meses, e Frederico de olho na barragem, nas escavações que pareciam não parar.

Nas manhãs de domingo os lavradores costumavam se reunir no centro do povoado para agradecer a Deus pelas boas terras, pelas plantações e pelo saudável crescimento do povoado.

Numa daquelas manhãs, Frederico se encheu de razão e falou alto, em bom tom para que todos ouvissem.

– Não estou gostando nada disso... Vocês estão enfraquecendo a barragem e vão acabar dando com burros n'água!

Não o deixaram acabar de falar.

– Pelo amor de Deus, Frederico... Se você vai começar com a ladainha de novo é melhor pegar seu burrico e se mandar pro morro!

– Concordo – disse outro. – A gente está aqui há mais de um ano e a água está todinha aí. Dá um tempo...

– Deixem o Frederico falar – interrompeu uma das mulheres.

Um breve silêncio.

– Fala, Frederico – disse outra mulher. O que está errado outra vez?

- Se não reforçarem a barragem, juro que ela não vai agüentar! Em pouco tempo vocês mudaram o que a Mãe-Natureza levou milênios pra construir. Um dia vai tudo por água abaixo.

A risada foi geral. Foi preciso Alaor levantar os braços para todo mundo parar de rir. Sabiam que a palavra final estava com ele.

– Ninguém tem tempo pra tais bobagens, Frederico! Basta olhar em volta... Estamos aqui pra plantar e colher, não pra construir barragens.

Quando Frederico deixou o centro do povoado, muita gente ainda ria. Alguns lavradores, no entanto, se entreolharam. E dali para frente ninguém mais viu Frederico na lavoura. Só de longe... Lá ia a figura do eremita e seu burrico transportando pedras numa pequena carroça, ladeira acima.

– Vocês sabem o que Frederico anda fazendo? – disse alguém no encontro de domingo. – Ele está construindo uma represa.

– Uma represa? – questionou Alaor. – Onde?

– Nos fundos da casa dele, lá no alto do morro. Ainda ontem passei por lá e o Frederico não para de trabalhar.

Foi assunto da semana.

– O homem deve estar louco. Uma represa só pra ele?

– Está claro como água que o coitado deve estar delirando. Sonhando com o fim do mundo.

– É isso aí, gente! Deve estar se preparando para o Apocalipse.

O segredo de Frederico era aquele olho d'água no fundo do terreno. De início ele achou que era sobra de água da chuva, escorrendo pelas pedras e saindo sempre no mesmo lugar. O fato é que aquele filete d'água, embora fino, parecia não ter fim.

Ele calculou que se ali construísse um reservatório podia captar água da chuva e também daquele filete interminável. Não mais precisaria descer o morro para buscar água da lagoa.

E foi o que Frederico fez. Com calhas de bambu desviou a água do filete enquanto ia cercando o local com pedras e bom barro de olaria. Coisa para muitas luas...

Alguns lavradores já não riam quando ele afirmava:

– Falo como amigo, gente! A boa água não deve ser desperdiçada. Um dia ela pode faltar. Nada é para sempre.

Então chegou o período das chuvas. As águas de março... Primeiro, uma carga leve que parecia não parar. Depois aumentando, aumentando e acabando por se transformar no maior aguaceiro. No início os lavradores ficaram contentes com mais água para a lagoa...

Mas, o que ninguém esperava aconteceu...

No terceiro dia águas desciam pelo outeiro em grande volume, derrubando árvores, carregando tudo pela frente, galhos, pedras, barro...

Aquela gente nunca tinha visto um temporal como aquele. A lagoa foi enchendo, enchendo e o que sobrou da barragem natural, enfraquecida pela mão do homem, não aguentou. Rompeu-se, abrindo uma grande passagem por onde toda água escoou, inundando o povoado, levando cercas, partes das casas e desaguando nos campos, destruindo a lavoura. Nada podia ser feito.

Os lavradores tentaram salvar o que foi possível, mas não tinham como reter as águas.

Quando as chuvas acalmaram, o que sobrou da lagoa foi uma extensa e inacreditável camada de lama.

Da parte alta, Frederico olhava desolado para o triste espetáculo que vinha pedindo a Deus jamais acontecer. Sabia, no entanto, que o Homem lá em cima não podia olhar por tudo. Uma parte cabia aos homens aqui em baixo.

Alaor estava desesperado. Haviam confiado tanto nele... E ele estava, agora, completamente desorientado.

– O que faremos? Tanta chuva e a gente sem água...

– Vamos reforçar a represa como já devíamos ter feito – respondeu Frederico, incentivando-o. – As chuvas haverão de voltar e, desta vez, a lagoa não desaparecerá.

Alaor havia aprendido a lição. Cabisbaixo e incrédulo, ele murmurou:

– E como viveremos até lá, sem água limpa para beber e cozinhar?

Frederico sorriu.

– A boa água que eu tenho represada lá em cima será suficiente para todos até terminarmos de reforçar a represa... Se todos souberem economizar!

HILTON GÖRRESEN



*O acadêmico **Hilton Görresen** é natural de São Francisco do Sul (SC), bisneto de imigrante norueguês aqui chegado no século 19.*

*Começou a publicar seus textos na década de 1960, no jornal *Correio do Povo*, de Jaraguá do Sul (SC). Entre as décadas de 1970 e 1980, após concluir o curso de Letras, em Joinville, iniciou colaboração semanal no jornal “A Notícia”, publicando crônicas, num estilo leve e humorístico, e artigos sobre comunicação.*

Terminando curso de especialização em Língua Portuguesa, em 1990, passou também a elaborar textos sobre linguagem, alguns deles reunidos mais tarde no livreto “Mostrando a língua”, de 2004.

*Há cerca de 10 anos, vem publicando suas crônicas no jornal *Notícias do Dia*, também de Joinville, textos estes reunidos nos livros “Quando minha avó tirava a roupa”, “Histórias para ler no banheiro” e “Elefante branco”.*

Publicou também um livro de memórias, “São Chico Velho de Guerra” e o paradidático “O que aprendi sobre redação – e posso lhe ensinar”.

É membro também da Associação das Letras e da Academia de Letras e Artes de São Francisco do Sul – ALASFS.

“ROMEU, ROMEU, AGORA TU É MEU!”

Logo que desembarcaram do ônibus, a mulher detestou a pequena cidade. Era uma mulherzinha baixa, gordota, cabelos curtos, jeito arrogante. O marido, Doutor Juvêncio, tinha vindo para assumir a chefia de uma repartição pública, nomeado pelo interventor militar da região.

Autoritária, convocou o Zé Gerôncio para carregar suas malas até um táxi. A primeira impressão do carregador sobre ela também não foi boa. E a externou para os amigos com a irreverência e o humor dos açorianos do litoral:

– A mulher parece uma paca com andar de pombinho. Quer ser a dona do mundo.

Já tinham casa alugada. Era um prédio de esquina, com dois pavimentos, nas imediações da praça da igreja. Dali Doutor Juvêncio poderia ir a pé ao serviço. Esse Doutor Juvêncio era um magrinho estorricado, de bigodinho fino, cabelos ralos, óculos sem armação. O terno cinzento que sempre usava parecia feito para crianças. Tinha um andar marcial, de passinhos curtos.

Vieram com as duas filhas solteiras, Juliana, a mais velha, e Julieta. Essa última era a mais bonitinha delas, embora todas lembrassem a figura da velha, baixas e gordotinhas. Não passaram despercebidas aos rapazes, em cidade pequena tudo o que chega é novidade.

O velho assumiu seu posto mostrando austeridade. Sua figura tesa e diminuta lembrava um oficial nazista. Quando irritado, tremia o bigode sobre os lábios secos. Vistoriou toda a repartição, criticou a desordem de algumas mesas, colocou para trabalhar os encarregados da limpeza. Depois, convocou reunião

com os funcionários de chefia. A casa alugada tinha um quintalzinho agradável na parte dos fundos. Ali, dona Jurupaca, apelido que ganhara da irreverência popular, encheu de vasinhos com flores, palmeirinhas, samambaias.

Se não tinha simpatizado com a pequena cidade, foi esse gosto por folhagens que aprofundou sua antipatia, notadamente pelos integrantes da família Santos Vieira. Juca Santos Vieira e dona Marianinha eram seus vizinhos de muro. Pouco se falavam, talvez um cumprimento seco, social. Desgraçadamente, uma tarde de sábado o cachorro dos Vieira pulou o muro e fez um estrago medonho nas plantinhas. O bichinho malhado brincava serelepe derrubando vasos, que se estatelavam no chão de cimento, espalhando a terra adubada. Dona Jurupaca veio lá de dentro, horrorizada. Seus olhinhos se apertaram de ódio. Chamou o marido, que foi buscar a espingarda de pressão e meteu chumbo na perna do cachorro. Este ganiu com desespero e arrastou a perninha ferida até o muro, que conseguiu escalar com dificuldade.

Veio daí a inimizade. Por uma sucessão de enlacs – que vinham desde os tempos em que a cidade era simples freguesia – a família Santos Vieira, com suas diversas ramificações, abarcava grande parte da população local. Era a miscigenação de Santos com Vieiras, Vieiras com Silvas, Santos com Oliveiras, Vasconcelos, Fuads, Schneiders... Gente de raiz fincada no solo da região. E todos entraram na batalha; quando reconhecia um deles, a velha atirava com raiva o cuspe no chão, num gesto de repulsa. Passou a sair pouco de casa. As filhas estavam proibidas de sequer dirigir cumprimento a membros daquela “máfia nojenta”. Eram eles contra toda a cidade.

Doutor Juvêncio sentia-se isolado no serviço; parecia-lhe que os subordinados atiravam risinhos e deboches às suas costas. Apertou o crivo contra eles, exigindo maior produtividade. Por pouca coisa, ameaçava colocar o funcionário à disposição da diretoria. Corria à boca pequena que sua grande autoridade limitava-se ao espaço da repartição; em casa, a mulher o trazia sob rédeas, era ela quem dava a palavra final, e também a inicial.

O seguinte fato virou gozação municipal, contado até hoje pelos mais velhos: Doutor Juvêncio contratou a diarista Dona Antonia, mãe do contínuo Marquinho, para dar uma geral em sua casa. O rapaz passava o diabo no serviço, abaixava a cabeça e fazia tudo que o chefe determinava. Em compensação, em casa derramava todo seu fel contra ele, não se esquecendo da esposa, que às vezes o utilizava para pequenos serviços. Era um tal de Dona Jurupaca pra lá e pra cá, casal desgraçado, fatores de escravos. A ingênua senhora acreditava que fosse esse o nome da “veia”. Terminada sua tarefa, Dona Antonia foi procurar a patroa para receber o pagamento. Aproximou-se da mulher e chamou-a timidamente: Dona Jurupaca... Ambas sofreram um ataque violento: uma de apoplexia, outra de cagaço.

A situação era essa, quando sua filha Julieta conheceu o Romeu Perna de Moça. Simpática, alegre, a moça havia arrumado algumas amigas na cidade. Uma delas, Cibele, filha de sua costureira, foi quem o apresentou, na saída da missa matinal de domingo. Julieta interessou-se pelo belo rapaz, falante, de pele lisinha. Marcaram encontro no cinema, sessão das 19 horas. As moças costumavam deixar um lugar vago ao seu lado nas poltronas; ao apagar das luzes da sala, os seus eleitos se achegavam sorrateiramente e ocupavam o lugar. Foi o que fez o Perna de Moça. No meio do filme, já estavam de mãos

entrelaçadas; até o “happy end” haviam estourado meia dúzia de beijos.

Seus encontros começaram às escondidas na casa da Cibele, sob o pretexto de experimentar suas roupas. Depois evoluíram para lanchonetes, festinhas, jogos de futebol de salão na cancha central; Romeu era atleta do time da Ideal Navegações. Após os jogos saíam para namorar na pracinha, debaixo da grande figueira.

Da sacadinha de seu sobrado, defronte à praça, a viúva Dona Zita, apelidada de Asa Negra, uma das maledicentes municipais, escandalizava-se com os agarros do casal (mas não deixava de observá-los atentamente). Na primeira oportunidade, foi contar aos pais que não só a filha mantinha um namoro escondido, mas que o cara era contraparente dos Santos Vieira.

Conselho de guerra. Chamaram a garota, que veio desconfiada.

– É verdade que você anda de namorico por aí?

– Quem falou isso?

– Não tente disfarçar. Sabe quem é ele?

– Tá bom. O nome dele...

– Não interessa o nome do crápula. Sabe de que família ele é?

– Não perguntei. Não me interessa. E não é namorico, nós nos amamos.

Foi proibida de sair de casa. E só poderia ir a algum lugar acompanhada da irmã, até que conseguisse extirpar aquele cancro do coração. Mas não adiantou, Julieta sempre dava jeito

de uma fugidinha, por rápida que fosse, para encontrá-lo ou para mandar recado. O que tinha ela com as inimizades dos pais?

O povo da cidade sabia bem da história. Caçoavam, faziam piadas. Comentavam a coincidência dos nomes com os personagens de Shakespeare.

– Coitados! Tomara que não morram no final – dizia dona Mocinha, a costureira.

Jovens irreverentes passavam de bicicleta pela casa de esquina gritando:

– Romeu, Romeu, agora tu é meu!

A velha se remordia de raiva, rogava maldições, olhos voltados para o céu.

Uma tarde, quando saiu para ir à padaria, não encontrou mais Julieta em casa. Mandou emissários a procurarem na “toca do inimigo”, isto é, na casa da família do Perna de Moça. Ninguém sabia de nada. Romeu também havia desaparecido.

Dias depois, veio uma carta da filha: “Mamãe e papai, não se preocupem comigo. Consolidei minha união com o Romeu. Estou feliz. Se puderem me perdoem”. Esse “consolidei minha união”, em linguagem popular, queria dizer que a vaca foi pro brejo.

Doutor Juvêncio pediu transferência para outro estado. Ao embarcaram no ônibus para sumir daquela cidade, a mulher tirou uma faquinha da bolsa, rapou a terra da sola de seu sapato e deu uma cuspida de desprezo no chão.

DAVID GONÇALVES



DAVID GONÇALVES [1952] nasceu em Jandaia do Sul, PR, e desde 1974 reside em SC. Professor universitário e consultor de empresas, ministra cursos e palestras sobre literatura, comunicação, liderança e marketing. Filho de pequenos agricultores, conviveu com os trabalhadores rurais e, dessa convivência, mantida até hoje, extrai a sua força literária. O seu primeiro livro [1972], *As flores que o chapadão não deu*, foi recolhido pelo regime militar e permaneceu 16 anos na gaveta. Atualmente, tem sucessivas edições.

Recebeu o prêmio OTHON GAMA D'EÇA, 2008, da Academia Catarinense de Letras, pelo conjunto de suas obras.

Segundo Gilberto Mendonça Teles, da PUC-RJ, “No panorama da literatura brasileira, a obra de David Gonçalves ocupa lugar especial e de relevo; é uma das mais importantes da atual ficção, estando no mesmo nível de escritores consagrados.”

Recentemente, publicou cinco histórias infantojuvenis: **A vaca no quarto andar**, **A mulher barbada**, **Adorável Margarida**, **Sapatos de capim** e **Por seus olhos**. A Literatura tem sido seu ideal valioso desde a infância.

A crítica literária considera **O SOL DOS TRÓPICOS** (romance), **GERAÇÃO VIVA** (contos) e **SANGUE VERDE** (romance) os pontos fortes de sua obra.

Diversas teses de mestrado e doutorado já foram realizadas sobre sua obra, em especial *Geração viva*, *O sol dos trópicos* e *Sangue verde*.

Em 2015, o ensaísta e poeta José Fernandes publicou um livro – **A arte de narrar de David Gonçalves** – no qual examina os contos e romances do autor num panorama completo.

DAVID GONÇALVES tem como princípio não participar de concursos literários.

UM PRA MIM, UM PRA VOCÊ

OLHOU O NEGRO À SUA FRENTE. Estava espantado. Os olhos pareciam duas bolas de gude enormes. Passava da meia-noite. Nas ruas da cidadezinha reinava o silêncio. Vez ou outra, cães uivavam e gatos no cio miavam enlouquecidos. Do resto, nenhuma viva alma pelas ruas.

Cirilo, o policial de plantão, já estava enfiado debaixo dos lençóis. Eram dois, fora o delegado, que raramente aparecia durante o plantão. Até mesmo durante o dia, o delegado estava quase sempre ausente, com certeza vistoriando a sua pequena fazenda, onde criava vacas leiteiras e rãs.

Era até bom que não aparecesse: Cirilo não gostava de ser aborrecido. O delegado, muito gordo, as banhas caindo sobre o cinto das calças, ficava proseando à toa, contando os problemas e as novidades das suas atividades de pequeno fazendeiro. E isto chateava muito. Ninguém tinha saco para aguentar as suas delongas.

Naquela semana, ele fazia o plantão. Era separado da mulher e morava num quarto alugado. Tanto fazia dormir naquela espelunca ou na cama de ferro no canto da sala que era usada durante o dia para receber as queixas. Baratas e percevejos, no meio da noite, passeavam nas paredes onde o reboco mal feito caía com frequência, principalmente quando as chuvas se prolongavam por semanas e a terra roxa se transformava em imenso pântano.

Quatro presos numa única cela, que roncavam feito feras adormecidas, não o perturbavam. Eram ladrões já conhecidos. Um roubara galinhas de uma viúva. Outro limpava as parcas

doações da paróquia. Os outros dois traziam muambas do Paraguai e revendiam à população. Nenhum era perigoso. Em poucos dias estariam soltos e praticando os mesmos atos.

De onde estava, Cirilo ouvia os rancos descompassados dos presos. O que ele podia fazer senão dormir também? Mal se enfiara debaixo dos lençóis, o negro bateu a sineta da porta várias vezes. No começo, não conseguia entender o que o negro dizia. Olhava em sua direção e o que conseguia ver era um fruto da hereditariedade: a pele preta, o nariz largo parecendo dois fornos, para inalar o ar úmido dos trópicos, e o couro cabeludo coberto de tufo de pelo, como se fossem Bombril, que se assemelhavam a arbustos num terreno pedregoso. Aos poucos, conseguiu ouvi-lo:

– Seu guarda, por favor venha comigo. Eles estão dividindo!

– Mas do que se trata, afinal?

– Eles estão dividindo as almas, seu guarda! Juro pela minha querida mãe, que está no céu!

– Mas quem está dividindo? Esclareça, não fique falando coisas ao vento.

– Deus e o Diabo, eles estão dividindo as almas! Venha correndo.

– Mas que absurdo! Você bebeu demais! Tenha a santa paciência, vá pra casa, não me amole. Eu já estava deitado...

E já ia fechar a porta da delegacia na cara do negro. Mas este empurrou a porta com força, arregalando mais os olhos assustados. Resolveu, então, perguntar com intenção de dar

corda à conversa e, em seguida, trancafiá-lo junto com os quatro presos que roncavam na cela:

– Vá falando, então! Onde estão dividindo?

– No cemitério, seu guarda! Eu estava passando por lá, em direção de minha casa, rente ao muro, quando eu ouvi tudo. Quero ser enterrado vivo se isto não for verdade! Que a terra coma meus olhos! Minha boca e meus ouvidos!

A esta altura, Cirilo já tinha perdido o sono.

– Eu estava passando rente ao muro e ouvi...

– Conte o que ouviu – disse Cirilo disposto a rir do negro.

– “Um pra mim, outro pra você”. Depois o silêncio caía mortal por alguns segundos. Em seguida, novamente ouvi “um pra mim, outro pra você”. Por vários minutos fiquei paralisado, sem sangue nas veias, sem saber o que fazer, até que consegui correr até aqui. Juro, não estou mentindo.

– O que espera que eu faça? Correr atrás de uma bobagem?

– Não é bobagem! Juro que não é!

– Você bebeu demais! Vá pra casa. Não me faça de tolo.

– É a verdade! Juro por todos os santos. Estão dividindo as almas. Eu ouvi “um pra mim, outro pra você”!

Contrafeito, passando a mão num trinta e oito, disse:

– Bem, seja o que for, vamos lá! Só acredito vendo!

2

HAVIA UMA FIGUEIRA carregada dentro do cemitério. Aqueles frutos metiam cobiça nos habitantes da cidadezinha. Estavam maduros. O vigilante do cemitério corria com os intrometidos. Enquanto não havia arrombamento de túmulos por parte de vândalos, quem quisesse apanhar os frutos ficava à vontade. De repente, um bando de moleques drogados começou a violar os túmulos e o prefeito foi obrigado a colocar vigias durante o dia e, principalmente, à noite. E ninguém teve mais oportunidade de apanhar os frutos da figueira.

Dois jovens amigos de escola, ao voltarem de uma festa, depois de terem tomado um litro de rum cada um, encheram-se de coragem e decidiram entrar no cemitério, na hora em que o vigilante já estava curtindo o belo sono e, naquela noite, na capela não havia nenhum velório.

– Os figos estão caindo de maduro!

– Esses mortos não sabem aproveitar a vida mesmo! – disse o mais baixinho e metido a escrever novelas obscenas.

Eles pularam o muro, subiram à árvore com as sacolas penduradas no ombro e começaram a distribuir o ‘prêmio’.

- Um pra mim, um pra você.

- Um pra mim, um pra você.

No escuro, entretanto, alguns frutos escaparam de suas mãos e caíram do outro lado do muro.

– Pô, você deixou esses dois cáfrem do lado de fora do muro!

– Não faz mal, depois que a gente terminar aqui pegamos os outros.

– Então tá bom, mais um pra mim, um pra você.

Naquele momento, passava o negro totalmente embriagado rente ao muro, do lado de fora. Ficou paralisado. O que era aquilo? Achou que tinha bebido demais. Sacudiu a cabeça com os tufo de cabelos emaranhados, abriu mais as largas narinas, respirou o ar da noite. E novamente ouviu:

– Um pra mim, outro pra você.

O sangue gelou. Nunca acreditara em histórias de assombração. Balançou a cabeça: tinha bebido demais. Prestou atenção. Ouviu novamente:

– Um pra mim, outro pra você.

Então era real: Deus e o Diabo estavam dividindo as almas do cemitério!

E saiu correndo em direção da delegacia.

– Seu guarda, vem comigo! Deus e o Diabo estão no cemitério dividindo as almas dos mortos!

– Ah, cala a boca, beberrão!

– Juro que é verdade, vem comigo.

3

A NOITE MORNA E ABAFADA suprimia as passadas nas pedras toscamente cortadas e assentadas da rua deserta. Algumas casas mantinham suas janelas abertas e os zunidos dos velhos

ventiladores chegavam até eles. Cirilo ria-se da caminhada ao cemitério àquelas horas e preparava as chacotas sobre o negro bêbado e intrometido. O povaréu haveria de rir-se até o mundo desabar! Atrás dele, o negro caminhava quieto e, às vezes, gaguejava, a língua presa. “Essa, eu pago pra ver”, pensou Cirilo. “Na volta, eu coloco este negro na cadeia, junto com os outros quatro. Não deixarei escapar a oportunidade” E lá foram os dois até o cemitério, que não era longe. Nenhuma viva alma pelas ruas. Um vento morno prenunciava chuva pela madrugada.

Chegaram perto do muro e começaram a escutar...

– Um pra mim, um pra você.

Cirilo tremeu, horrorizado, como se tivesse levado um choque. O negro tinha razão!

– Deus do céu! O que se passa? É o dia do Apocalipse! Eles estão dividindo as almas dos mortos! O que será que vem depois?

Lá dentro, ainda sobre o efeito do rum, mas com os estômagos recheados, os dois amigos já estavam quase terminando... O baixinho que escrevia novelas obscenas finalizou:

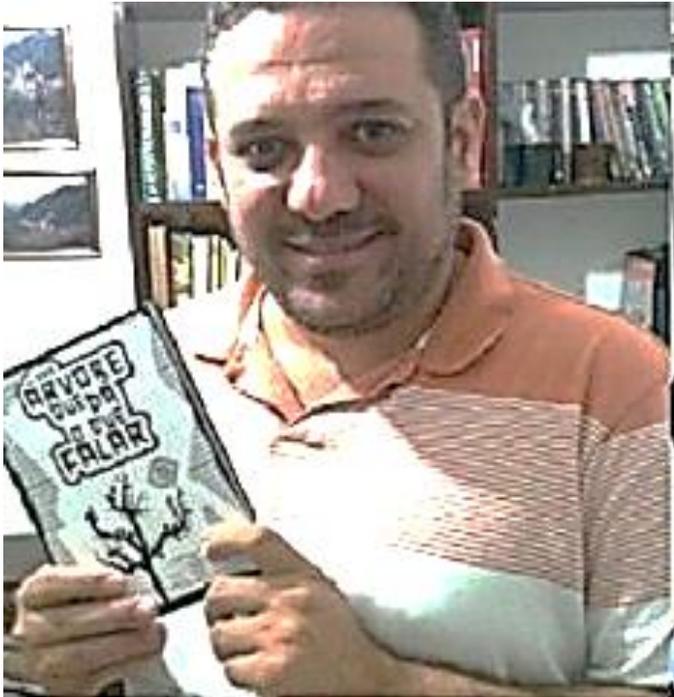
– Um pra mim, um pra você. Pronto, acabamos aqui. E agora?

O outro arrotou e disse:

– Agora a gente vai lá fora e pega os dois que estão do outro lado do muro...

Neste momento, o guarda Cirilo caiu morto aos pés do negro bêbado.

JURA ARRUDA



Jura Arruda nasceu em São Paulo. Radicado em Joinville desde 1984, estreou escrevendo para teatro em 1996, com a peça infantil “Quem roubou minha infância que estava aqui?”, desde então escreveu onze peças, com destaque para “Uma festa para Eulália” (2006) e Nós e um laço (2013). No cinema foi roteirista do longa "Infância de Monique".

Com foco na literatura infantojuvenil, Jura Arruda tem sete livros publicados, com destaques para “Fritz, um sapo nas terras do príncipe” e “Uma árvore que dá o que falar”, além de participações em antologias por editoras de São Paulo e Santa Catarina.

Foi membro do Conselho Municipal de Políticas Culturais de 2015 a 2016, é vice-presidente do Instituto da Cultura e Educação (realizador da Feira do Livro de Joinville), Membro Honorário da Academia de Letras e Artes de São Francisco do Sul e Membro Efetivo da Academia Joinvilense de Letras desde 2015.

Cronista desde 2008, atualmente tem crônicas publicadas na edição de sexta-feira do jornal A Notícia.

AS DESLUMBRANTES DO TREMEMBÉ

Eram três as deslumbrantes do Tremembé. Rás, a cantora; Dan, a passista; e Biscuit, a escultora. Ninguém sabe como elas se conheceram, mas quem as viu nas madrugadas daqueles carnavais nunca mais esqueceu.

Rás desfilava um vestido preto, exibia tatuagens que cobriam quase todo o seu braço esquerdo, enfeitiçava os homens com sua voz e seus olhos negros e redondos. Dan não andava, desfilava. Cabelos avermelhados como fogo e olhos levemente tristes que escondiam o furacão que era. Biscuit tinha o visual menos agressivo das três, mas trazia dentro de si fogo e paixão acumulados de muitas vidas. As ruas e becos do bairro eram palco para a atuação das três. Suas máscaras cobriam olhos e parte do nariz, sobre seus saltos longos olhavam com desdém e sedução.

Um repórter de um grande jornal fotografou-as. Na terça-feira de carnaval, a foto ganhou mais destaque que o desfile das escolas de samba. A legenda da foto trazia o que viria a ser o nome do trio: As Deslumbrantes do Tremembé. Na página seguinte, atenção voltada para a notícia da morte de três homens. Foram encontrados em um beco do bairro, todos usando fones de ouvido e com aparência azulada. Além de uma pequena curiosidade, ninguém deu importância ao fato, porém, a aparição das moças na imprensa foi suficiente para criar repercussão por toda a cidade e curiosidade de rádios, jornais e canais de televisão. Foram meses de busca, mas ninguém mais as viu.

Um dia, mexendo nos arquivos do processo das três mortes no Tremembé, o delegado responsável pelo caso virou a página do jornal, olhou várias vezes e relacionou as mortes à presença

das Deslumbrantes do Tremembé. “Só pode ser!”, exclamou. No mesmo dia começou a investigar mulheres que ficaram viúvas por aqueles meses. A verdade é que a investigação não avançou muito. Mas o ano passou rápido e já era fevereiro de novo. O delegado armou um esquema para encontrar as suspeitas, o que não foi difícil. No sábado de carnaval elas reapareceram, estavam sobre um carro. Rás no capô, Dan sobre o teto e Biscuit com metade do corpo para fora da janela do motorista. Não se sabe de onde veio o primeiro som da noite, o de um atabaque que marcava compasso. Dan deitou levemente a cabeça e começou a mexer a cintura no ritmo do instrumento. Um pequeno grupo se aproximou. Biscuit desceu do carro com uma maleta. Ao que fechou a porta do carro, um pandeiro se fez ouvir, Dan fez do teto pista e ensaiou os primeiros passos de samba.

Os acordes de um cavaquinho tomaram os ouvidos do povo que começou a se aglomerar. Rás abriu a boca e de lá saiu o som mais bonito que se podia ouvir. Sua voz era limpa e suave. Biscuit abriu a maleta e começou a moldar uma quantidade grande de massa, que havia tirado do porta-malas. O público acompanhava a apresentação de Rás, Dan e Biscuit. A música, a dança e a escultura se uniam num surpreendente espetáculo. Elas não sabiam, mas naquele momento já estavam cercadas por policiais armados que ocupavam todas as possíveis saídas.

Jornalistas e paparazzi já sabiam da nova aparição das Deslumbrantes e apontavam seus flashes para as moças. Um canal de TV mandou sua unidade móvel para acompanhar o caso e transmitiu ao vivo. Obteve a maior audiência de sua história. A aglomeração na rua era cada vez maior e os policiais se preocuparam. Com tanta gente, seria fácil a coisa sair do controle. Mulheres gritavam e homens, que costumam ser mais

discretos em shows, assobiavam. Uns choravam, outros gritavam abusos verbais.

- Elas são lindas, são lindas! – comentou um policial, que foi chamado à atenção por seu companheiro.

- Não se desconcentre, homem! Fique atento!

Longe dali, em uma rua sem saída, ficava a casa de Chico, que naquela noite recebia a visita de Renan e Murilo, amigos por conveniência. Latas de cerveja estavam empilhadas na estante, um resto de churrasco torrava na churrasqueira. A TV mostrava as Deslumbrantes do Tremembé.

- Isso é mulher de verdade, comentou um.

- Olha como aquela dança, apontou outro.

O terceiro trouxe mais cerveja e entregou-as sem tirar os olhos da TV.

A escultura de Biscuit ficou pronta, era a imagem de um passista. Ela acrescentou-lhe um chapéu e um cachimbo à boca. Afastou-se e admirou a obra. Pegou o pandeiro e encaixou nas mãos da escultura. Mexeu no bolso, sacou um par de fones de ouvido e encaixou nas orelhas do homem.

Era a deixa que o delegado precisava. Fez o sinal para o comandante de polícia que gritou:

- Parados! Polícia! Vocês estão presas!

A multidão não entendeu, mas o delegado tinha certeza. Os fones de ouvido eram prova mais do que suficiente, eram os mesmos usados no assassinato do ano anterior, provavelmente dos maridos daquelas três mulheres mascaradas. Repórteres buscavam o melhor ângulo para mostrar a prisão das Deslumbrantes do Tremembé. A escultura foi empurrada pela multidão e caiu no chão espatifando-se. Rás, Dan e Biscuit foram algemadas e suas máscaras arrancadas. Uma das câmeras conseguiu filmar em close. O editor do canal de TV congelou a imagem.

Em casa, Chico cuspiu a cerveja e gritou:

- Mulher!

Murilo engasgou e não parou mais de tossir, Renan desmaiou.

Na manhã seguinte, encontraram-se com suas esposas na delegacia. Como os fones de ouvido não foram considerados prova suficiente para mantê-las presas, seus maridos levaram-nas para casa. Elas prometeram a eles que não sairiam mais pela madrugada nas noites de carnaval e eles sorriram aliviados sem perceberem que Biscuit piscou para Rás, que por sua vez piscou para Dan, que não piscou porque não sabe, mas sorriu com charme e malícia.

GEORGE POSTAI DE SOUZA



George Willian Postai de Souza é joinvilense, nascido numa sexta-feira de 13 de agosto de 1982, casado desde 2008 com Daniela Karina Bello Postai de Souza e pai de Enzo (2011) e Frederico (2014).

Graduou-se em Direito na Universidade da Região de Joinville (Univille-2006), com Especialização em Direito Previdenciário pelo Instituto Luiz Flávio Gomes (IFLG-2007), possuindo ainda Pós-Graduação em Direito Processual Civil pela Universidade do Sul de Santa Catarina (Unisul-2009), Pós-Graduação em Direito e Processo do Trabalho pela Universidade de Mato Grosso do Sul (Uniderp-2011) e Pós-Graduação em Direito Civil pela Universidade de Buenos Aires (UBA-2014).

Advogado com inscrição na OAB/SC sob o n. 23.789, foi Membro da Comissão de Ética e Disciplina da OAB Joinville no triênio 2010-2012, eleito Conselheiro da OAB Joinville no triênio 2013-2015 e atualmente é Membro do Tribunal de Ética e Disciplina da OAB/SC para o triênio 2016-2018.

Vem publicando vários artigos e contos em jornais e revistas eletrônicas desde 1998, sendo autor dos livros “Vícios Redibitórios nos Contratos Imobiliários” (Rio de Janeiro: CBJE, 2009, 101p.), “A Aplicação Prática do Rito Sumário Após o Advento do Rito Sumaríssimo Pela Lei 9.099/95” (Rio de Janeiro: CBJE, 2010, 76p.), “Onze e Dezenove” (Joinville, publicação própria, 2012, 25p.) e “O Lado Hilário do Judiciário” (Joinville, Areia, 2016, 108 p.).

É também coautor dos livros “Antologia Poética” (Cabedelo, Vivara Editora, 2013, 267 p.), “Letras Associadas 2” (Joinville, Associação das Letras, 2015, 118 p.), “Letras Associadas 3” (Joinville, Associação das Letras, 2016, 124 p.) e mais recentemente “Estudos de Direito Latino Americano V”, a ser publicado ainda em 2016.

Foi eleito Membro Efetivo e Perpétuo da Academia Joinvilense de Letras em 2015, fazendo parte também da Associação das Letras desde 2014.

PREPONILDO CALADO DA SILVA

O Médico pediu para ele abrir a boca e dizer um “a” bem forte. E assim foi feito:

– Aaaa...

Nada sentia. Não entendia por que estava ali, acompanhado de esposa e filhas, para mais uma consulta médica. Era culto, inteligente. Um tanto quanto monossilábico às vezes. Abusava de advérbios, adjetivos, preposições. Daí surgiu seu nome.

Mas quando ia começar a falar:

– Ante...

Era sempre interrompido. O médico o interrompeu já na primeira palavra. Ia dizer que não tinha nada na garganta, como o médico provavelmente teria enxergado, ao abrir sua boca.

O doutor pediu para que ele saísse da sala, pois queria conversar com sua esposa e filhas.

– Até!

Saiu e ficou na recepção, aguardando. Imediatamente uma recepcionista veio lhe oferecer café, indagando se queria com ou sem açúcar.

– Com – respondeu ele.

Até reconheceu que foi meio ríspido com ela, mas já estava exausto de ir a tantos médicos para o tratarem daquele jeito, tudo sempre às escondidas. Parecia até que a família estava contra ele.

– Contra! – bradou em voz alta, recompondo-se logo, ao ver que seus pensamentos saíram de forma verbal e não silenciosa, como deveria ser, atraindo o olhar de todos.

Um homem sentou-se ao seu lado e perguntou se ele passava bem. É claro que estava bem, oras! Mas que pergunta idiota. O homem se apresentou, mas ele mal prestou atenção ao nome, ouvindo apenas a primeira sílaba. Resolveu dar corda:

– De o quê?

O homem respondeu Dejour. Falou ainda que aguardava o médico, como Preponildo, relatando sua história de vida. Uma chatice. Iria dar um basta naquilo com uma pergunta sórdida:

– Desde...

Não deu tempo. O médico abriu a porta e chamou-o de volta ao consultório. A pergunta? Ora, caro leitor, fica a seu critério imaginar uma questão que poria fim à conversa. Mas isso não vinha ao caso no momento. O caso era sério. Ou parecia ser.

O médico pediu-lhe para sentar. As filhas e a esposa olhavam-no com pesar, com se ele tivesse poucos dias de vida. E se tivesse?

Bom, melhor perguntar logo em quanto tempo iria morrer e pronto, acabava esse mistério todo:

– Em...

Mal teve chance. O doutor já fez outro gesto para matar sua pergunta na raiz. E, de pronto, começou a explicar que ele estava muito doente e que não tinha tanto tempo de vida quanto imaginava ter. Alguém bateu na porta:

– Entre!– falou Preponildo, inesperadamente para todos.

Agora ele foi mais rápido que os demais. Até que enfim!

Isso deixou-o muito feliz, pois nunca conseguia falar com ninguém, pois todo mundo o interrompia.

Era a recepcionista do café com açúcar. O médico pediu a Preponildo que a acompanhasse até outra sala.

– Para?

Era para fazer exames. As filhas desataram a chorar e a esposa ficou muito pálida. Ele seria submetido a alguns testes específicos.

Bom, o que podia ele fazer? Obedecer, naturalmente. Há muito tempo não sabia o que era mandar, ninguém o obedecia em nada, há anos. As filhas já casadas, o casamento de 35 anos, a aposentadoria, o único homem da casa: tudo isso o deixava em condição hipossuficiente.

Acompanhou a recepcionista, que lhe garantiu que os testes seriam bem simples. De fato, começaram com coisas tão ridículas que não faz o menor sentido descrevê-las ao leitor.

Mas é bom dar ao menos um exemplo, para que se tenha ideia da patuscada em que ele se meteu. A recepcionista, que lhe revelou ser enfermeira, fechou a mão atrás do corpo e começou um jogo de par ou ímpar:

– Par! disse ela.

Para se divertir, ele não teve dúvidas e lascou:

– Per!

Ora, óbvio que era para dizer “ímpar”. Mas estavam achando o quê? Que ele era louco? Convenhamos, uma brincadeira de criança tão boba devia ser respondida à altura, ainda mais que ele já era um senhor passando dos sessenta anos.

Seria divertido se ela continuasse com um “pir”, pois aí ele diria um “por” e terminariam com um “pur”.

A enfermeira fez algumas anotações. Olhava para ele como se tivesse pena e rabiscava rápida o seu caderno, como se estivesse com o tempo contado.

Perante...

Foi interrompido de novo. Ia questionar se, diante de todos aqueles testes infantis, podia-se achar sentido. Com seu ar formal, ele abusava, como dito alhures, de formas verbais pouco utilizadas na língua portuguesa. Mas a enfermeira disse que ele não poderia falar ali naquele ambiente. Só quando ela mandasse.

– Por..

Nova pausa. Desta vez do próprio paciente. Ora, queria saber o motivo, o porquê de tanta frescura em relação a um exame tão banal. Mas lembrou-se do recado e resolveu calar-se. Aliás, era bem isso que ele vinha fazendo durante quase toda a sua vida. Era só mais um Silva entre tantos brasileiros.

Voltou ao consultório com a enfermeira e notou o médico e a família já com outra cara. Melhor, ainda bem. Parecia que o médico já sabia dos resultados dos exames realizados pela enfermeira. Duvidou de tanta agilidade, mas, nos dias de hoje, quem sabe...

O doutor abriu uma caixa de remédio e pediu-lhe para tomar um, oferecendo-lhe água.

– Sem.

Respondeu secamente, já que nunca tomava remédio com água, usando apenas a própria saliva. Criado no interior, não tinha espaço para tanta frescura.

Quanto ao remédio, não adiantava mais questionar. Não mandava em nada mesmo! Engoliu em seco.

O médico ainda fez um pequeno teste. Colocou as mãos por debaixo da mesa e perguntou-lhe se estavam sob ou sobre a mesa.

– Sob.

Só não lhe ocorreu responder “sobremesa”, pela esposa e filhas que ali estavam. Também, o clima não ajudava, mais parecia um velório, de tão sérios que todos estavam. Respondeu o que tinha que responder, mais parecia jogo de português.

Resolveu questionar:

– Sobre...

As filhas o interromperam. Mas ele queria saber era sobre... o remédio que acabara de tomar. Pelo menos a isso tinha direito. Mas elas passaram as mãos em seus cabelos já brancos e poucos, dizendo-lhe que em casa conversariam melhor.

É. Já não mandava em nada. Agora, nem mesmo em si.

Passaram-se dois anos.

Preponildo Calado da Silva continuava o mesmo.

Firme e forte em seus pensamentos, refletindo no que fez, no que fará. Feliz por estar bem, consciente de que nunca estivera tão bem.

A cadeira de rodas em que estava, contemplando a Serra do Mar, era invenção das filhas, que cuidavam tão bem dele.

Não precisava mesmo, mas elas faziam questão. Bom, por elas, tudo. Sempre foi assim. Sempre será.

Não demorou muito e veio a filha mais velha, perguntando se ele queria tomar o tal remédio.

Resumiu:

– Traz.

MILTON MACIEL



O acadêmico Milton Maciel, 73 anos, escritor, editor, consultor agrícola, conferencista internacional, pianista e compositor, é gaúcho da fronteira.

Viveu 25 anos em São Paulo, onde foi fabricante de aparelhos científicos para análise química, agricultor orgânico e consultor; e 4 anos em Maceió, Alagoas, onde foi Secretário de Agricultura. Escolheu Joinville para viver no ano de 2003. No período 2009-2014 residiu e trabalhou nos Estados Unidos como conferencista e escritor.

Tem, até o momento, 34 livros publicados em 3 idiomas, entre romances, contos, poesias, ensaios e livros técnicos de astronomia, nutrição, etanol e agricultura orgânica.

É também membro da Associação das Letras e da Confraria do Escritor, ambas de Joinville, da Academia de Letras e Artes de São Francisco do Sul e da Romance Writers of America.

É criador e titular do Curso de Formação de Escritores “O Escritor Publicável”

Atualmente é o presidente da Academia Joinvilense de Letras, para o triênio 2016-2019

BLOG: <http://miltonmaciel.blogspot.com.br>

FACEBOOK:

<https://www.facebook.com/milton.maciell>

<https://www.facebook.com/escritorpublicavel/?fref=ts>

FOME DE AMOR

Mais um dia sem emprego, sem bico. Outra vez! Parecia que tinha dado certo, mas... não! Mais um dia voltando pra casa sem um tostão furado. A fome roía-lhe as entranhas, eram oito da noite e ele ainda estava no magro café da manhã.

Quando entrou em casa, a esposa já dormia. O menino também, ao lado dela. Ela pegava o trem às 4 da manhã, mas antes levava a criança para deixar na casa da tia; e ia para o trabalho. Só ela estava sustentando a casa, com o escasso salário de auxiliar de produção. Tempos duros para todos, com tantas contas para pagar, de repente o desemprego dele...

Abriu a geladeira com esperança que algo houvesse para ele comer. Havia! Uma omelete: pelo tamanho, com dois ovos. Além disso, ali dentro só a garrafa de água. E a embalagem de leite, a um copo do fim. Ignorou-a. Nem ele, nem a esposa tocavam no leite, era só para o menino. Com a comida também. Comiam o que sobrava depois que serviam a criança. Mas até isso andava racionado agora. Possivelmente o menino também estava passando alguma fome, menos do que ele, mas...

Pegou o prato com a omelete, colocou-o sobre a mesa, apanhou os talheres. Enfim ia comer alguma coisa! Pegou a garrafa de água também e um copo. Ia comer bem devagar, tomando um monte de água junto, assim enganava o estômago. Quando empunhou o garfo e a faca, o menino entrou na cozinha.

– Acordado a esta hora, filho?

O garoto de 4 anos pulou-lhe no colo, passou-lhe os braços ao redor do pescoço, num abraço apertado. Esfregou a pequena testa na dele, era o seu jeito especial de beijar. Ficou agarrado ao pai.

– Sem sono, pai.

O hálito era inconfundível. Os olhinhos do menino na omelete confirmavam: fome! A criança acordara por causa da fome. Então o pai lhe falou:

– Olha, filhinho, o que o papai guardou pra você.

– Mas não é o seu jantar, pai?

– Não, eu já comi até demais. Sua mãe fez um monte de omelete, eu comi o que aguentei, guardei isso aqui pra você. Você quer?

O menino se desprendeu do pai e apanhou o garfo, passando a comer com sofreguidão, ajudado pelo dedinho da outra mão. Seu olhar agora era só felicidade.

O pai o olhava enternecido. Sua própria fome tinha passado. Seu olhar era também, nesse momento, só felicidade.

– Coma tudo, meu bem, não deixe nada, mamãe não ia gostar.

O garoto obedeceu contente. Limpou o prato. Perguntou ao pai se podia lamber o fundo. Claro que podia, ali só entre eles não era coisa feia. O menino lambeu o prato até não haver mais gosto de nada. Depois voltou para o colo do pai e passou-lhe os braços ao redor do pescoço de novo. Adormeceu em pouco tempo.

O pai levou-o para a caminha, ao lado da cama de casal, cuidando de não fazer barulho algum. Voltou à cozinha e bebeu vários copos de água, lavou prato e talheres. Amanhã haveria de arranjar o que comer. Voltou para o quarto. Por hoje estava contente, seu menino tinha fome, não podia dormir por causa dela, mas agora ressonava bonito na caminha dele. Olhou a

criança longamente, estava feliz pelo menino, não sentia sua própria fome. Agora era dormir para evitar que ela voltasse a importuná-lo.

Olhou a esposa que dormia. Tão boa, tão jovem, tão sacrificada... Não dizia um aí, não o recriminava por nada, fazia o possível e o impossível pelo menino. Era uma dádiva de Deus, no meio de sua pobreza. Tomou-lhe a mão do braço descoberto e beijou-a com suavidade, para não acordá-la. Ficou um tempo com aquela mão macia na sua, depois adormeceu.

A esposa, acordada pelo beijo, continuou quietinha, fazendo que dormia. Quando constatou que o marido tinha adormecido, levantou e, pé ante pé, esgueirou-se até a cozinha. Sim, ele tinha comido toda a omelete e tinha já lavado o prato e os talheres.

Voltou a enfiar-se na cama, ainda tinha mais umas poucas horas para dormir. Antes apoiou-se no cotovelo e ficou contemplando o marido que dormia. Homem bom estava ali, tivera muita sorte no casamento. Não bebia, não jogava, bom pai, carinhoso, bem-humorado; era trabalhador como só, fazia bicos, o que arranjasse. Agora estava numa maré de azar, coitado, há muitos dias que não conseguia nada, nem bicos.

Ainda bem que ela tinha o seu emprego e podia almoçar na firma. Era do seu almoço que ela escamoteava uma parte num saco plástico e trazia para casa, para dar ao filho. Mas aquela noite ainda tinha três ovos em casa. Fez um para o menino, dois para deixar na geladeira para o marido. Não comeu nada, disse para o menino que estava sem fome, comia demais naquela firma.

Precisava dormir. Procurou com cuidado os lábios do marido adormecido para roçar-lhe um beijo agradecido. Sentiu o hálito

inconfundível. Não, ele não havia comido a omelete! Olhou para a caminha e compreendeu: o safadinho devorou tudo. Seus olhos se encheram de lágrimas, ao contemplar aquele homem maravilhoso que Deus tinha colocado a seu lado na vida. Uma lágrima caiu, quente, no rosto dele, acordou-o. Ele abriu os olhos e fitou encantado aquele par de olhos tão bonitos, que o contemplavam com tanto amor.

Os olhos amados pararam de lacrimejar. Um enorme sorriso apareceu simultaneamente em cada uma das faces. Ficaram um longo tempo se olhando, encantados. Seis anos de casamento e de lutas, mas o amor deles continuava imenso, na verdade aumentava ainda mais nos momentos difíceis. Sorriram, riram, abraçaram-se, não precisavam dizer nada: estavam completamente felizes, absurdamente felizes.

Abraçaram-se outra vez. Reconheceram: sim, eram mais felizes do que quase todos os outros que agora dormiam de barriga cheia. Eles tinham fome, sim, e daí? Os outros tinham, quase todos, uma fome pior, que eles não tinham: FOME DE AMOR! Adormeceram abraçados. Agradecidos. Amanhã seria outro dia.

Ao lado, o menino ressonava contente. Barriguinha cheia. Três ovos!

CARLOS ADAUTO VIEIRA



Presidente da Academia Joinvilense de Letras de 2013 a 2016, o acadêmico Carlos Adauto Vieira é advogado e economista (Faculdade de Direito de Santa Catarina; Faculdade de Ciências Econômicas de SC e da FURJ).

Desde 1957, colabora em jornais: O Estado do Paraná, Gazeta do Povo, Tribuna de Santos, A Notícia, Jornal de Joinville, O Município (Brusque), Sol de Camboriú, Folha Acadêmica, Folha do Litoral, Tribuna de Santa Catarina e Gazeta das Praias, de São Francisco do Sul - escrevendo artigos sobre direito, sociologia, política, economia, literatura e história.

É colunista de A Notícia desde 1958.

Foi presidente do Conselho Municipal de Cultura por várias vezes. Nesta condição, implementou os projetos de recuperação da Estação Ferroviária, da Shokoladenfest, do Festival da Canção de Cervejaria, do Memorial da Empresa Joinvilense; da edição de livros de Adolpho Bernardo Schneider, Elly Herkenhof e Carl Julius Parucker; da reedição da “História de Joinville” de Carlos Ficker”; e de “Às margens do Cachoeira”, de Augusto Sylvio.

Manteve colunas dominicais sob os pseudônimos de Charles D’Olençer e Heliodoro Luiz.

Publicou quatro livros: “Aos Domingos, crônicas”; “Saborosas Estórias Curtas de Charles D ‘Olençer”; “Europa sem Programa”; e “Contos e Crônicas”.

Em 2012 a cidade prestou-lhe um grande tributo, com a instalação da Ponte do Charlot, sobre o Rio Cachoeira, pela Prefeitura de Joinville, homenagem secundada pela Câmara de Vereadores e pelo Poder Judiciário de Joinville.

DOMINÓ

O cabo estava esperando os guardas. Tinham ido fazer a faxina nas cavalariças. Deitou-se na cama, toda de madeira. Os olhos começaram a piscar de sono. Estava quase dormindo quando os soldados voltaram. Sentou-se na cama. O soldado mais baixinho e desembaraçado disse que haviam terminado o serviço.

– Bem, vocês podem ficar por aí. Não vão pra longe.

Deitou-se, outra vez, para dormir.

– Cabo, será que nós podemos jogar dominó?

– Podem. Mas vê se vocês não fazem muito barulho. E, de vez em quando, deem uma olhada nos animais. Tá?

Virou-se de lado e fechou os olhos.

Enquanto um afastava a cama da parede, para se sentar, o outro tirou do bolso da japonsa um dominó velho. Dois se sentaram na cama com as pernas abertas. O terceiro arranhou um caixote de velas Linda. O cabo ouviu, ainda, o barulho das pedras sendo misturadas. Logo adormeceu.

– Quem tiver o doble maior, sai.

Cada um procurou nas suas pedras o doble. Saiu o 425. o doble seis. O seguinte jogou o seis e cinco. O outro parceiro jogava melhor que os dois. Primeiro arrumou as pedras na mão. As pedras que tinham números iguais de um lado. O resto, na outra. Escolheu uma. Quando ia jogar, pensou melhor e substituiu.

– Quatro e cinco – cantou as duas pontas abertas.

O 425 passou outro doble.

– Vieste bem carregado, hein? – comentou o Zé Bugre, mudando a ponta de 4 para 2.

Piolho demorou a jogar. O 425 reclamou.

– Não demoro. É que estava pensando...Amanhã faz...deixa eu ver...um ano que eu gosto de uma garota. Pronto, três e dois.

–É bucho?... Lá vai o três e zero.

– Que bucho, nada...Joga, vamos...É lá do meu lugar. Filha do Pedro da venda. Conheces?

– Passo! Conheço, sim... É guria direita.

– Não pode passar, tem de comprar!

– Não estou acostumado a jogar assim... Em todo o caso...

Estendeu a mão para o monte. Pegou uma pedra. Examinou as duas pontas. Não servia em nenhuma. Colocou-a com as que já tinha.

– Será que vou comprar tudo?

Comprou mais uma. Era o cinco e três. Servia.

– Fui a um baile. Lá embaixo, perto do meu lugar. Quem é que joga? Sou eu mesmo.

Piolho continuou a contar a estória. As pontas eram três e zero.

– Ela também foi. Com o irmão mais velho. Primeiro tomei duas gasosas, pra depois dançar com ela. Foi só uma conversinha...Nego bom...

– Foi aquela que escreveu pra ti?

A vez era do 425. Examinou o jogo. Querendo ver se garantia uma ponta, jogou o zero e dois.

– Escreveu só duas vezes.....Vamos Zé Bugre, joga! E, no Natal, recebi um cartão de boas festas. Não te mostrei?

Zé Bugre teve de comprar. Sorte! A primeira pedra serviu.

– Se o capitão tivesse dado dispensa, teria ido em casa. Não fui mesmo por causa do serviço. Também, agora que passei, aqui no quartel, a Sexta Feira Santa que é pra mim o dia maior, não me interessa ir.

O jogo ficara de lado. Esqueceram-no. Estavam prestando atenção à conversa do Piolho.

– Comeste um bocado de bacalhau ontem, hein? – falou, rindo, o Zé Bugre.

– Pois é, ontem era dia da gente comer pouquinho. Não deu. De manhã foi o café. Sem pão!Na hora do rancho, descontei.

O cabo mudou de posição, sentindo a caixa de fósforos contra a coxa; jogou-a no chão. Os três olharam.

– O bacalhau estava gostoso, mesmo. E estão falando que vai haver galinha, amanhã, no rancho.

– Galinha, não sei. Mas chocolate, tenho certeza. Como no Natal.

– Duas barrinhas pra cada um? De quem é a vez? Sabem que ainda não peguei uma dispensa aqui no Batalhão? Também, eu sou trigo... Como é, quem joga?

– Eu peguei duas dispensas. És tu, mesmo. Só não fui pra casa no Carnaval. Por causa do bloco.

– É a minha vez?

– Hummmmmm...

Piolho perdera todo o interesse pelo jogo. A conversa estava muito melhor. Jogou, displicentemente, o um e cinco.

– Pensei que ia comprar – falou o 425.

Colocou a mesma pedra, mas escondeu os números. Estava ouvindo o resto do romance do Piolho.

– Se continuar assim, vou acabar casando. O diabo é que tenho outra, aqui na cidade. Gosto um pouco desta, também. E....

– É aquela baixinha que pegaste no parque? Não escora nada....

Zé Bugre acabou de dizer isso e deu uma risada.

O 425 era o único a prestar a atenção no jogo. Colocou a pedra 5 e 4.

– Tu é que pensas. Não pegas coisas melhor do que ela!

– Bobo! Tu conheces a minha guria? Aquela que anda sempre com a empregada do capitão? Aquilo, sim, é que é mulher!

– De fato, é boazinha, mesmo –concordou o Piolho.

– Tu dizes uma que namorou o Cabo Batista, da Primeira?

– Que nada! O Cabo Batista só tem é papo. Não engana mais ninguém.

Os três olharam para a cama do cabo. Era a quarta vez que mudava de posição. Não era possível ficar muito tempo numa só. A cama estava sem colchão, apenas coberta por uma manta fina de lã .

– Vê como dorme... Se eu dormir assim de dia, de noite não prego o olho.

– Desde quarta-feira estou dobrando serviço. E não tenho sono nenhum. Até o Joel do rancho passou o Batista pra trás.

Zé Bugre voltava à discussão. Piolho era bem amigo do Batista. Procurava defendê-lo.

– Não foi bem assim. Quando o Joel pegou a Norma, o Batista já havia terminado. Além disso...

Um barulho de cascos sobre a pedra interrompeu a conversa. Uma mula fugira da baía. As mulas, quando as correntes ficam frouxas, metem a cabeça por debaixo do gancho e o retiram da argola. Mas é fácil fazê-las voltar.

– Vamos pegar a mula ou continuamos a partida?

O cabo acordara. Indagou o que havia. Quando soube, foi logo dizendo:

– Eu pedi pra vocês...Por que não olharam? O portão tá aberto?

O 425 disse que o tinham fechado. Podia ser que o pessoal da cozinha, quando foi levar a lavagem pros porcos, o tivesse deixado aberto.

– Vão dar uma olhada! Se esta mula foge pro morro, nós vamos passar mal pra pegar ela. Vão duma vez!

Os três saíram. Zé Bugre jogou uma pedra, ainda. O cabo puxou a manta mais pra cima, ajeitou o coturno, que servia de travesseiro, e continuou a dormir.

Junho, 1965

Selecionado, à época de publicação de “Os Contistas Novos de Santa Catarina”, em edição do Sul, pelo Jornal de Letras,

dos Irmãos Condé, no Rio de Janeiro. E comentado elogiosamente por Antonio Houaiss em sua coluna e, depois, em seu livro de crítica literária avulsa.

Anote:

Dia 12 de Janeiro de 2017: Lançamento do nosso
Suplemento Literário **HEKADEMEIA 3: Nossos Poetas**

APOIO CULTURAL

Jornal dos Bairros de Joinville



Jornal do IRIRIÚ – Jornal de PIRABEIRABA

Ari Silveira de Souza

Jornalista Editor – DRT 0037/SC

www.jornalbairros.com.br

Rua Erico Herhaus, 135 – Iririú – CEP 89227-490

imprensa@jornalbairros.com.br Fone 3025-4832

SESSÃO ESPECIAL DE FIM DE ANO

Dia 8 de Dezembro, às 20h30m, na sede da ACADEMIA, na Sociedade Harmonia Lyra, Salão Nobre (Sala Mozart)

Específica para acadêmicos, homenageados e seus convidados

PROGRAMA:

I – Outorga do Prêmio e Medalha “Carlos Aduato Vieira”
ao Dr. Álvaro Cauduro, em reconhecimento por seu irrestrito apoio à AJL, ao longo de mais de dois anos.

II – Homenagem aos funcionários da Sociedade Harmonia Lyra

III - Lançamento de HEKADEMEIA-2: Nossos Contistas

IV – Lançamento do livro “O Poeta e o Guasca” – M. Maciel

V – Jantar de confraternização; e simultaneamente

VI – SARAU DE FIM DE ANO:

1 – Musical Prata da Casa. Acadêmicos:

Marcelo Harger – Violão, piano e voz

Milton Maciel – Piano, teclado Korg, harmônica e voz

Elas surpreendem: duas cantoras, duas surpresas

2 – Homenagem musical a Álvaro Cauduro:

Raízes da Terra

Para nossos acadêmicos e acadêmicas, um 2017 com muita saúde, muita leitura e muita escrita. Que o resto, havendo trabalho e persistência, Deus provê.